

## A TRAVESSIA DO LEITOR: DO LIVRO IMPRESSO À TELA

**Robério Pereira Barreto<sup>1</sup> e Cenilza Pereira dos Santos<sup>2</sup>**

1. Professor Titular da UNEB – DCH –V, Santo Antônio de Jesus, Colegiado de Letras - Língua e Literatura Espanholas. Pesquisador e orientador de pesquisas sobre Letramentos e linguagens digitais no PROFLETRAS – UNEB – DCH – V. Coordenador do grupo de pesquisa GEELMAD;

1. Professora Adjunta da UEFS – Feira de Santana, BA, Departamento de Educação, Pesquisadora do NEPPU.

### RESUMO

O lugar das tecnologias da linguagem escrita, embarcadas nos livros impressos, e-books e livros digitais suportados pelas Plataformas de Digitais de Informação e Comunicação – PDIC – no contexto da formação de leitores tem sido de deslocamentos coletivos. Para isso, problematizamos: como é formar leitores diante da versatilidade e da diversidade das gerações de leitores (des)conectado? Então, recorremos à dialogia e à recessão crítica de autores que transitam no universo da leitura e da formação de leitores e das tecnologias digitais no cotidiano atual. No decorrer dos diálogos compreendemos que, hoje, as margens que segurariam a ponte para a autoformação e a cidadania contemporâneas são: acesso às tecnologias e aos livros impressos e digitais; a travessia seria através de leituras literárias ou não. Defendemos que o acesso às tecnologias digitais e aos livros em seus variados formatos e suportes, deveria ser um bem de consumo universal, para que todo cidadão pudesse compreender desde a estrutura da língua, até as vicissitudes do mundo inconstante ao qual pertecemos.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais, Leitura, Livro, Tela e Leitor.

### ABSTRACT

The place of written language technologies, embedded in printed books, e-books and digital books supported by the Digital Platforms of Information and Communication - PDIC - in the context of the formation of readers has been of collective displacements. For this, we problematize: what is it like to train readers in the face of the versatility and diversity of generations of readers (un)connected? Then, we resort to the dialogia and critical recession of authors who pass through the universe of reading and the formation of readers and digital technologies in the current daily life. In the course of the dialogues we understand that today the margins that would hold the bridge to contemporary self-formation and citizenship are: access to technologies and printed and digital books; the crossing would be through literary readings or not. We argue that access to digital technologies and books in their various formats and supports should be a universal consumer good, so that every citizen could

understand from the structure of the language, to the vicissitudes of the fickle world to which we have perforated.

**Keywords:** Digital Technologies, Reading, Book, Screen and Reader.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste texto coloco em destaque o lugar das tecnologias da linguagem escrita, embarcadas nos livros impressos, e-books e livros digitais suportados pelas plataformas de digitais de informação e comunicação – PDIC –, no contexto da formação de leitores, problematizando: como é formar leitores diante da versatilidade e formatos do textos e da diversidade de leitores (des)conectado? Recorro à dialogia e à recessão crítica de autores que transitam no universo da leitura e da formação de leitores, bem como das tecnologias digitais no cotidiano atual. No decorrer dos diálogos compreendi que, hoje, as margens que segurariam a ponte para a autoformação e a cidadania contemporâneas são: acesso às tecnologias e aos livros impressos e digitais; a travessia seria através de leituras literárias ou não. Defendo que o acesso as tecnologias digitais e aos livros em seus variados formatos e suportes, deveria ser um bem de consumo universal, para que todo cidadão-leitor pudesse compreender desde a estrutura da língua, até as vicissitudes do mundo inconstante ao qual pertecemos.

O meu objetivo é colocar em debate quão significativo tem sido o papel das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC – nos processos de incentivo à leitura de jovens conectados, sobretudo, neste momento de isolamento social, quando todos nós, para a preservação da vida em comunidade, ficamos ao máximo em casa.

Com efeito, relatar experiências com as tecnologias da linguagem a partir da provocação: o uso das tecnologias digitais para a formação do leitor e as experiências de personagens de comunidades virtuais na divulgação de sua produção literária (FLIFS, 2020).

Dito isso, recordo que, as sociedades antigas recorreram as tecnologias da linguagem – escrita – e seus suportes – códice, livros, tabuletas, etc. – para assegurar a sobrevivência e o poder de seus membros. Tecnologias são, na verdade, apêndices físicos e cognitivos do corpo humano, para ampliar a sua capacidade comunicativa e persuasiva diante das adversidades impostas tanto pela natureza quanto pela sociedade, mais especificamente, a sociedade urbana que ao se letrar ampliou seu espaço de interação através do uso da escrita.

Nesse contexto, importa considerar a escrita, depois do fogo, obviamente, como sendo, talvez, a maior de todas as ações empreendedoras no campo da criação e da inovação tecnológica. Resgato essa questão sem, contudo, cair no debate apaixonado; a escrita mudou a relação dos homens entre si e com a natureza.

Assim, posiciono a escrita ante as tecnologias da linguagem como ferramenta imprescindível à sobrevivência nas comunidades letradas e para a formação cidadã e leitora de crianças e jovens.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Não poderia ser diferente nesse momento de pandemia – Covid -19 – quando a sociedade está submersa no universo da cultura digital, ou alijados dela – aulas remotas – e o aumento exponencial do uso das redes sociais e jogos digitais pela população mundial para se manterem conectados. Em tese, a maioria das trocas culturais e compartilhamentos nas redes, ocorreram por meio de atos de escritas. É válido afirmar que tal imersão ampliou nesses sujeitos, deslocamentos cognitivos para além dos processos de leitura, até então aprendidos por meio do *letramento impresso* que, à maneira de Dudeney (2016) o qual assevera que se trata da “habilidade de compreender e criar uma variedade de textos escritos que abrange o conhecimento de gramática, vocabulário e características do discurso simultaneamente com as competências da leitura e da escrita” (DUDENEY, 2016), oferecido pela escola por décadas.

Para esse momento, vale questionar: o que é ser leitor hoje? Responder essa questão está além de nossa capacidade, visto que outra pergunta se insurge: O livro no formato clássico e o livro na tela são, de fato, tecnologias da linguagem capazes de transportar e exportar informações potencializadora da formação leitora e cidadã dos sujeitos isolados socialmente pela pandemia – Covid – 19 e sem acesso a bens e dispositivos tecnológicos?

À maneira de Eco (2010), considero que, o livro é uma destas invenções que a sociedade tem como referência insubstituível, enquanto tecnologia de linguagem. “[...] O livro se apresenta como uma ferramenta mais flexível. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher” (ECO; CARRIÉRE, 2010).

Em virtude de novas descobertas de matérias de impressão e de plataformas digitais, o livro evoluiu em formato, gênero e linguagem de acordo com tempo e as necessidades do leitor.

O livro ainda é o meio mais fácil de transportar informação. Os eletrônicos chegaram, mas percebemos que sua vida útil não passa de dez anos. Afinal, ciência significa fazer novas experiências. [...] temos livros que sobrevivem há mais de cinco séculos?” (ECO et al., 2010).

Assim sendo, as tecnologias empregadas na edição de livros impressos dominam a sociedade de tal modo, que se tornou *status* social ser escritor de livro impresso. Reconhece-se, o livro em seu formato moderno com objeto de poder e saber intelectual, ao tempo em que, o reconhecemos como uma tecnologia da linguagem fundada na escrita e no discurso.

(...) o “e-book” não matará o livro — como Gutenberg e sua genial invenção não suprimiram de um dia para o outro o uso dos códices, nem este o comércio dos rolos de papiros ou volumina. Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão o cinema? (ECO et al., 2010).

Lembro que o livro mesmo tendo circulado de maneira “ampla” na sociedade desde a prensa de Gutenberg no século XV, não conseguia atender a massa desejosa por informação; a população em sua maioria era analfabeta e não entendiam a tecnologia – escrita – empregada no livro.

Este cenário não modificou muito ao longo dos séculos, ou seja, gerações de leitores foram vitimadas devido à falta de acesso ao livro impresso, com chegada e “popularização” dos dispositivos móveis digitais não tem sido diferente; milhares de potenciais leitores mesmo tendo acesso a tais tecnologias não tem formação escolástica para serem leitores conforme os protocolos de leitura até então instituídos linguagem escrita e seus códigos contidas nos livros impressos, tampouco nos livros digitais.

Diante desse quadro, vicissitudes instigam também outros modos de ler tanto para quem tem acesso a livros impressos quanto aos que leem livros digitais. Assim, provooco mais uma vez: como é formar leitores diante da versatilidade e da diversidade das gerações de leitores (des)conectado?

É importante considerar que, na realidade, a formação de leitor ocorre através do esforço de professores amantes dos livros. Estes profissionais da educação atuam, na maioria das vezes, com projetos de leitura, tendo o letramento impresso como metodologia e o livro físico como ferramenta formativa de leitores. Até então deu certo, respeitadas as suas fragilidades, o sistema de ensino de leitura até aqui despertou gerações de leitores.

Para Jenkins (2009) a *Cultura da convergência* e a *Convergência digital* (2010) permitiram as várias plataformas de mídia, a mitigação de parte da defasagem do acesso aos letramentos; quer seja letramento impresso ou digital – rádio, televisão, música, notícias, livros, revistas, jornais –, numa perspectiva de superar a dicotomia escola leitura – letramento impresso – sociedade, leitura em mídias e redes sociais – letramento digital.

O autor ressalta que a convergência de tecnologias promove transformações em nossas vidas a tal ponto, que a forma de produzir e consumir e compartilhar textos – livros impressos ou digitais – ampliam as perspectivas das culturas letradas, porque as tecnologias da linguagem – escrita e compartilhamentos de gêneros textuais em diversos suportes e formatos – é uma revolução no acesso ao texto.

Destaco que, para além de ser fandom - Fandom é um termo usado para se referir à subcultura dos fãs em geral, caracterizada pela camaradagem e solidariedade com os iguais no compartilhamento dos textos e livros de interesse coletivo da rede - das escritas literário-poética em redes sociais, participo etnograficamente como leitor desses autores. Lembro ainda que a escrita e publicação de textos nas plataformas digitais, em sua maioria, não se caracteriza uma literatura digital. Todavia, a cada dia novas experiências escritoras e leitoras apontam, cada vez mais a adesão à escrita literária ancorada nas tecnologias da linguagem e seus multimodalidades.

Spalding (2018) em *Manifesto literatura digital* apresenta o conceito de literatura digital e suas características, conforme seguem:

[...] 2 – A Literatura Digital busca criar uma **nova experiência de leitura** para o usuário; 3 – A Literatura Digital requer um **novo tipo de texto e de autor**; 4 – Por literatura entende-se a arte da palavra; portanto, um projeto de literatura digital **deve conter texto**. 5 – A Literatura Digital é um novo gênero literário, **não substituindo** os gêneros da literatura tradicional em papel ou *e-book*; 6 – A Literatura Digital pode ser multimídia, hipertextual, colaborativa, etc, mas **não é necessário** que todos os recursos sejam usados simultaneamente; 10 – Substitui-se aqui o **conceito de livro pelo conceito de obra**, entendido como “um objeto dotado de propriedades estruturais definidas, que permitam, mas coordenando-os, o revezamento das interpretações, o deslocarem-se das perspectivas” (vide *Obra Aberta*, de Umberto Eco) (SPALDING, 2018).

Reafirmo então, o meu objetivo com este texto-debate, defendendo a importância da escrita e da leitura como parte das tecnologias da linguagem indispensável à formação leitora de crianças e jovens atuantes nas redes e mídias digitais. E mais: jogo luz à tese de que autores e escritores conectados à cultura e à convergência das tecnologias digitais de informação e comunicação promovem de forma indelével, novos impactos linguístico-

cognitivos no leitor em telas digitais; a partir de sua inserção às experiências escritoras de autores que transitam pelos ambientes analógico e digital.

Argumento que tudo escrita é um sistema de diferenças múltiplas e sutis, de onde emergem os significados de experiências cotidianas e, por conseguinte, textos em suas múltiplas perspectivas à mercê das interpretações dos interlocutores ou leitores.

Assim, um texto produzido por meio de dispositivos móveis carrega em si múltiplas referências e adquire significados outros, posto que: os não ditos presentes na linguagem constituam um novo centro de compreensão para o leitor que, interpretando a mensagem de um lugar histórico, a reconfigura de acordo com as suas realidades.

A tensão que se evidenciada é que os professores não acompanham as mudanças no modo de ler e de escrever dos estudantes conectados ao mundo digital. E o complexo nisto é que a escola ainda não absorveu estas produções como práticas contemporâneas de produção e socialização de conhecimentos diversos nas quais as ações interativas entre sujeitos acontecem por meio da efetiva produção textual em rede.

Em virtude da complexidade da questão, se objetiva estabelecer os pontos de tensão existente na prática pedagógica dos professores aplicada ao ensino de leituras – imigrantes digitais – que, atuando de modo racionalista, realizam suas atividades de ensino de leitura e de escrita baseando-se no racionalismo da gramática da língua: começo, meio e fim. Por outro lado, entretanto, os estudantes – nascidos digitais – praticam leitura e escrita na *web* de maneira dialógica, na qual não há linearidade de leitura, tampouco simetria no raciocínio escrito.

É consenso, o entendimento de que a *web* é o novo ambiente de interação e comunicação global, portanto, esse novo contexto permite a reformulação de conceitos de ensino e práticas de leitura sejam através de letramento impresso ou digital.

A entrada em cena dos dispositivos móveis digitais modifica radicalmente as velhas variáveis de leitura e leva os processos educacionais e comunicativos para além do livro impresso, único recurso disponível na escola básica.

Nesta senda se tem como expectativa que professores do ensino básico das escolas públicas, interatuem com práticas de leitura e escrita aproximando o impresso do digital, articulada da realidade social e cultural dos aprendizes, autores e produtores de textos cujos sentidos incluem uns aos outros no sistema comunicacional da *web*.

No que diz respeito à cultura escrita e ao letramento presentes nas práticas de leitura e de escrita recorrentes nos ambientes digitais tendem a provocar conflitos nas práticas pedagógicas dos professores; porque o modo tradicional de ensinar até então, é questionado



pela emergência e a interação dos agentes que usam o texto digital como prática sociocultural para interações e diálogos visando à inserção do Outro.

A escola nesse contexto tem como alternativa rever suas ações e o seu papel no aprimoramento da sua prática educativa à aquisição da leitura. Leitura de textos veiculados em plataforma digitais, onde a linguagem é multissemiótica e, portanto, requer novos procedimentos cognitivos do leitor.

De forma pragmática, práticas de leitura contemporâneas realizadas pelos estudantes e professores, permitem uma reflexão, no que diz respeito ao reconhecimento de que a *web* é espaço de circulação de culturas e linguagens convergentes realizadas por meio da cultura escrita digitais, requerendo assim, um leitor com argúcia para tanto.

Antes de quaisquer de tratativas a respeito do papel do leitor em rede analógica - clube do livro, ciclo de leitura, etc - digital – fanfics e páginas de redes sociais e Youtube, etc. – é importante destacar que: todo esse processo é remoto à invenção à escrita. Todavia, essa travessia não ocorreu de forma pacífica, uma vez que escrever sempre uma atividade perigosa aos olhos da censura da época – Igreja Católica, O parlamento e Monarquia.

Assim sendo, se compreende a importância dos fundamentos do dialogismo entre os gêneros textuais e as culturas em que eles foram produzidos. Então, o entendimento de que as plataformas digitais ampliam cada vez mais esse diálogo entre autor-texto-leitor. A ação leitora provocada pela interação autor-texto-leitor não para por aí. À medida que as partes interagem ampliam o imaginário criativo e promovem as travessias, nas quais o leitor se torna protagonistas. No entanto, cabe o questionamento: como ocorre diálogo entre o escritor “o leitor, o espectador e o internauta” e os textos circulantes em determinados contextos?

Para CHARTIER, (1998), a dialogia acontece involuntariamente, visto que “o escritor não era senão o escriba de uma Palavra que vinha de outro lugar. Seja porque era inscrita na tradição, e não tinha valor a não ser o de desenvolver, comentar, glosar aquilo que já estava ali” (CHARTIER,1998). A tradição também estabeleceu os critérios para que se classifique escritor e autor.

Em inglês se tem *writer* – aquele que escreveu alguma coisa, e ao *author*, aquele cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto. Em francês se tem *écrivains* – aquele que escreveu um texto que permanece manuscrito, sem circulação, enquanto o autor – *auteur* – é também qualificado como aquele que publicou obras impressas (CHARTIER, 1998).

A televisão e a mídia constroem no inconsciente coletivo padrões de comportamento e níveis lineares de interpretação de texto que alienam e bestializam a comunidade leitora?

Tento responder essa questão a seguir, quando evidencio o protagonismo do livro e do leitor na rede de construção de significados.

O leitor como protagonista é uma perspectiva contemporânea, na qual não se pode mais compreender este sujeito como alguém que passivamente recebe a informação contida no texto impresso ou digital, por que atua de maneira interativa e questiona o tempo todo sentido, o formato e o estilo do texto.

O ato de escrever e de ler a partir da transposição do impresso ao digital foi reconfigurado, os participantes assumiram sua autonomia e técnica capazes de fomentar inovações linguísticas e cognitivas no leitor. O texto literário neste contexto é assinado em coautoria, na medida em que o leitor transpõe os sentidos da escrita para a sua compreensão e, em seguida, dialoga com o autor, a partir da interação via comentários posta em redes sociais de ambos.

Atualmente, a escrita conta com as multissemioses disponíveis no ambiente digital, com isso conduz o leitor às novas inferências. Isso ocorre porque o leitor assumiu o protagonismo da leitura, fazendo a transposição leitora do papel à tela, onde as plataformas digitais – *Google, Youtube, Facebook, Instagram, etc* são fontes de textos nas suas multimodalidades e semioses. De acordo com Canclini (2008), estas plataformas são “os novos patrimônios da humanidade”, considerando que, a escrita e a leitura ganham múltiplas configurações semióticas nas teias das redes e plataformas de escrita digitais.

Assim, o objetivo neste ensaio-exposição é compreender como a leitura e a escrita digitais, são construídas e transpostas; linguística, literária e esteticamente do papel à tela, sopesando que, atualmente, as pessoas desenvolvem habilidades leitoras e escritoras sem que estejam confinadas ao silêncio das bibliotecas ou gabinetes de leitura. Ler-se a qualquer hora e lugar, bastando para isso ter acesso aos dispositivos móveis capazes de armazenar diferentes livros e textos.

Estas pessoas leem e escrevem de todos os lugares e tempo, uma vez que, estando conectadas à web com seus dispositivos móveis digitais, compartilham com seus leitores, em tempo real suas produções literárias, tendo quase que de imediato, o grau de recepção do leitor sobre o texto publicado.

As plataformas de leitura e escrita digitais conduz o leitor-escritor-escritor-leitor às combinações cognitivas altamente complexas, pois requer do espectador-autor várias associações linguísticas e culturais, tamanha a dimensão da mensagem.



Na mesma pessoa combinam-se a leitura que se ouve num disco, livros escaneados, publicidade da televisão, *ipods*, enciclopédias digitais que mudam todo dia, uma variedade de imagens, textos e saberes que formigam na palma da mão, com a qual você liga o celular (CANCLINI, 2008).

O autor remete à reflexão ao sugerir que escrever- ler na e para as plataformas sociais digitais, o autor-leitor transita pela teia do texto como se espectador fosse. Isto que dele o máximo de sua capacidade de depreender as múltiplas significações da linguagem multissemiótica do texto.

Para (CANCLINI, 2008), o grande desafio no processo de leitura e escrita seja ela analógica ou digital está na ampla gama de conhecimentos e significados atribuídos às culturas circulantes. Isso é mais problemático à medida que se espraiam as concepções acerca do binarismo leitura de texto e de imagens. “A mera abundância de informação que acumula, na navegação digital, textos e imagens, acontecimentos, opiniões e publicidade, não constrói pontes num mundo rompido” (CANCLINI, 2008).

Importa considerar a partir da afirmação acima que, num primeiro momento, parecia impossível a convivência da cultura analógica do livro impresso com as potencialidades do livro digital e, por sua vez, leitura de texto e imagens convertidos em mensagens compartilhadas em rede.

Dessa maneira, as tecnologias digitais da linguagem afastam de maneira sistemática o medo de que as culturas tecnológicas acerca do processo criativo da escrita e da leitura ampliariam o fosso entre as culturas centrais e as culturas periféricas.

A cultura leitora construída em volta das mensagens impressas, televisivas e cinematográficas de antes não foram capazes de homogeneizar os pensamentos de uma audiência que, a cada novo formato das mensagens se adequava aos novos significados de acordo com as gerações de espectadores.

Não é à toa que os criadores de conteúdos para ambientes digitais compreenderam que só obteriam audiência consumidora, a partir do instante em que as mensagens agregaram os mais variados costumes das diversas gerações, etnias e gêneros.

A educação e a formação de leitores e de espectadores críticos costumam frustra-se pela persistência das desigualdades socioeconômicas, e também porque as políticas culturais se desdobram num cenário pré-digital. Insistem em forma leitores de livros, e, à parte espectadores de artes visuais (quase nunca de televisão), enquanto a indústria está unindo as linguagens e combinando espaços: ela produz livros e também audiovisuais, vendem-se mais DVDs do que entrada para cinema (CANCLINI 2008).

As tecnologias digitais são de certa maneira, os responsáveis pela criação e manutenção dos “mercados e ou campos culturais” de consumo de livros nos mais variados formatos e suportes. Com isso, criam-se segmentos de mercados de leitores que, às vezes, dispõem de recursos financeiros, permitindo escolher entre o livro impresso e ou digital.

A independência conquistada pelas artes e pela literatura justificava a autonomia metodológica [...] Resulta também do processo tecnológico de convergência digital e da formação de hábitos culturais diferentes em leitores que, por sua vez, são espectadores e internautas. A digitalização conjunta de textos, imagens e todo tipo de mensagens integradas na televisão, no computador e no celular vem acontecendo há vários anos (CANCLINI, 2008).

Dessa maneira, (CANCLINI, 2008), nos apresenta os conceitos de *leitor*, *espectador* e *internauta*. Para o autor, a Estética da recepção, a Sociologia e a Teoria da narrativa, a partir de suas representações estratificadoras de leitor, delimitaram sua classificação do leitor enquanto personagem; leitor de literatura e leitor fruidor.

Por um lado, o *espectador* está vinculado às percepções e recepções das estéticas da linguagem em movimento captada pela televisão e o cinema. Já por outro lado, o *internauta* é:

[...] agente multimídia que lê, ouve e combina materiais diversos, procedentes da leitura e dos espetáculos. Essa integração de ações e linguagens redefiniu o lugar onde se aprendiam as principais habilidades – a escola – e a autonomia do campo educacional. [...] A educação foi cedendo autonomia ao diminuir a importância da escola pública e laica e crescer o ensino privado que, com frequência, subordina o processo educacional às aptidões de mercado e se preocupa mais em capacitar tecnicamente do que formar para aptidões culturais. Em vez de formar profissionais e pesquisadores para uma sociedade do conhecimento, treina peritos disciplinados (CANCLINI 2008).

Para Chartier (2008) “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 2008), então ser leitor no contexto da cultura digital é ser um coautor, uma vez que há no processo a reorganização semântica do texto para que ele seja adequado ao novo cenário de leitura.

Dessa maneira, a leitura digital proporciona ao leitor mecanismos de compreensão de acordo com o suporte e a linguagem em que o texto foi construído e armazenado.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendo, portanto, que os processos de transposição da ação leitora do suporte analógico ao digital, tendo o leitor como navegador, cuja participação dele na dialogia da

mensagem reverbera sentidos para além do texto; há aí um emprego multissemiótica da linguagem capaz de promover travessias cognitivas no leitor.

A formação leitora da perspectiva das tecnologias digitais móveis é, neste contexto atual, uma proposição a ser considerada no contexto da educação e, sobretudo, no campo das políticas editoriais, uma vez que, a literatura digital ou digitalizada ganhou destaque e caiu no gosto dos leitores. Por outro lado, é fundamental que políticas de acesso da juventude-leitora das classes de menor poder aquisitivo, uma que aí há um grande público avido por literatura.

Não se pode deixar de considerar que neste cenário de pandemia, muitas ações de incentivo ao acesso a literatura ocorrem, quando autores e editoras passaram a disponibilizar gratuitamente *e-books*. Porém, recaímos no mesmo lugar comum de que faltam dispositivos digitais e acesso à internet. Vale lembrar que os *e-books* podem ser baixados e lidos *off-line*.

Gerações de leitores se formaram através do letramento impresso e, portanto, eles são as referências temos de leitor. As tecnologias digitais e suas plataformas de escrita e leitura são recentes – a popularização da internet embarcada em dispositivos móveis à sociedade brasileira tem pouco mais de duas décadas – a presença massiva das tecnologias no cotidiano social, provocou mudanças na estrutura do texto e, por seguinte, na formação do leitor. Ressalto a maneira de Petit (2009), que a leitura é um potencializador da expressão de si.

A leitura garante ao leitor o acesso à escrita; tecnologia intelectual e cognitiva arquitetural de enunciados e textos representativos de nossas vidas. A ponte que liga os jovens ao conhecimento para a formação de sua identidade e a tecnologia intelectual da linguagem é a leitura.

Ela é capaz de ligar gerações através dos suportes analógicos até então comum às sociedades – livros impressos e suas bibliotecas – ganhando reforço com as tecnologias digitais e suas plataformas de armazenamento – livros digitais, *e-books* e seus repositórios de textos. “[...] o que determina em grande medida a vida dos seres humanos é o peso das palavras ou peso de sua ausência. [...] a leitura e a biblioteca podem contribuir para verdadeira recomposição da identidade” (PETTIT, 2009).

Hoje, as margens que seguraria a ponte para a autoformação e a cidadanias contemporaneas são: acesso às tecnologias e aos livros, onde a travessia seria através de leituras literárias ou não. Assim sendo, defendo de maneira efetiva que o acesso a tecnologias digitais, livros em seus variados formatos e suportes deveria ser um bem de

consumo universal, para que todo cidadão pudesse compreender desde a estrutura da língua até as vicissitudes do mundo inconstante ao qual pertecemos.

#### 4. REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Tradução: Rejane Rubino. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DUDENEY, G. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- ECO, U.; CARRIÉRE, J. C. **Não contém com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FLIFS. **Festival Literário de Feira de Santana - Virtual 2020**. Disponível em <<http://www.flifsoficial.uefs.br>>. Acesso em 27/07/2021.
- LEITURA DIGITAL. **Manifesto Literatura Digital**. Disponível em <<http://www.literaturadigital.com.br/?pg=25012>>. Acesso em 30/07/2020.
- MANGUEL, A. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Edições SESC, 2017.
- PETTIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço – O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SPALDING, M. **Escrita criativa para iniciates**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018.
- WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Contexto, 2019.